

A exploração das trabalhadoras domiciliares da indústria têxtil de redes de dormir em Jaguaruana - Ceará: a educação escolar negada

The exploitation of the housewives in the hammock textile industry, Jaguaruana - Ce: The school education denied

Antônio Marcos Rocha de Carvalho
Maria das Dores Mendes Segundo
Universidade Estadual do Ceará - UECE
Fortaleza – Ceará - Brasil

Resumo

Nosso trabalho visa analisar a relação entre o acesso à escola e a exploração das trabalhadoras domiciliares pela indústria têxtil de Jaguaruana, buscando, especificamente, contextualizar as formas de exploração do trabalho, articulando a jornada de trabalho e as condições de trabalho e acesso à escola. A presente investigação busca revisitar teóricos que realizaram estudo histórico-econômico-filosófico sobre a categoria trabalho domiciliar e jornada de trabalho. Desta feita, nos fundamentamos em autores que realizam a crítica à sociedade do capital a partir de uma leitura marxiana. Assim sendo, além das contribuições de Marx e Engels (2007-2017), Freitag (1986), Freitas (2018). Em linhas gerais, asseveramos que a produção de redes em Jaguaruana aprofundou a precarização e exploração trabalho domiciliar, com severo desdobramento na não escolarização dessas trabalhadoras desse setor produtivo.

Palavras-chave: Indústria Têxtil; Trabalho Domiciliar; Limites da Jornada de Trabalho; Formação Escolar.

Summary

Our paper's goal is to review the relation between the school and the housewives' exploitation by the Jaguaruana textile industry in order to specifically contextualize the forms in work exploitation, articulating the work hours, work conditions, and access to school. The current paper seeks to revisit theorists who performed historical, economic and philosophical studies on the field of home work and work hours. Thus, relying our own study on these authors' fundamentals who carried out critical reviews to capital society from a marxian reading. As such, in addition to the contributions of Marx and Engels (2007-2017), Freitag (1986), Freitas (2018). In short, it is safe to say that the Jaguaruana hammock production deepened the house work precarious and exploitation, with severe outcome of non-schooling of these same housewives in this productive section.

Keywords: Textile Industry; Home Work; Work hours Limits; School Education.

A exploração das trabalhadoras domiciliares da indústria têxtil de redes de dormir em Jaguaruana - Ceará: a educação escolar negada

Introdução

O município de Jaguaruana-Ceará está localizado, na região do Vale do Jaguaribe, a 180 km da capital Fortaleza, com uma população aproximadamente de 33.967 habitantes, em uma área quadrada de 867, 562 Km. Contudo, apenas 30,79% da população ganha estimadamente entre $\frac{1}{4}$ e $\frac{1}{2}$ salário mínimo e a principal fonte de renda do município é a produção industrial têxtil de redes de dormir¹. As indústrias têxteis locais chegam a empregar, segundo a ASFARJA, aproximadamente 10.000 mil pessoas no setor, equivalendo a 32,20% da população do município; por fim, destes 10.000 mil trabalhadores, cerca de 8.200 são trabalhadores e trabalhadoras que realizam atividades para indústrias têxteis em suas próprias residências, e desse percentual, 89% são mulheres.

Dentro das relações de produção da indústria têxtil no município, existem duas categorias de trabalhadores: os trabalhadores fabris e os trabalhadores domiciliares. Em linhas gerais, pode-se classificar o trabalhador fabril como aquele proletário urbano que vende sua força de trabalho para o capitalista e que realiza suas atividades dentro da fábrica; já os trabalhadores domiciliares são aqueles que vendem sua força de trabalho para a indústria, porém realizam suas atividades em suas próprias residências (DE DECCA,1995).

As relações capitalistas de produção em determinadas circunstâncias históricas e sociais exploram a força de trabalho além dos limites legais. Isso tem acontecido com a indústria têxtil de redes de dormir no município de Jaguaruana-Ceará, a qual se utiliza da exploração do trabalho domiciliar informal, precário e feminino no seu sistema de produção por meio de extensivas jornadas de trabalho.

O intenso processo de exploração do trabalho domiciliar de mulheres praticado pelas indústrias têxteis de Jaguaruana, como apropriação do tempo que a trabalhadora dispõe para outras atividades, por exemplo, o tempo de estudar e de frequentar a escola, nos permite realizar as perguntas que deu origem a nosso trabalho: como a produção de redes de dormir se constitui como referência central na vida das trabalhadoras da indústria têxtil ocupando o lugar reservado a outras atividades, como a escola? Por que as diferentes gerações acabam reproduzindo e continuando tal processo sem perspectivas de superação e transformação social, quando o tempo dedicado ao trabalho não permite que as trabalhadoras da indústria têxtil de Jaguaruana tenham acesso ao sistema regular de ensino ou nele permaneçam? Se a trabalhadora domiciliar, por exercer sua atividade na

informalidade, tem como planejar seu horário de trabalho, o que lhe impede de organizar seu tempo de ir à escola? A escola fica longe da casa da trabalhadora?

Nesse sentido, a tese central deste trabalho, é que a relação entre o cerceamento à educação escolar dos trabalhadores domiciliares não pode ser compreendida dissociada do processo mais amplo que define a produção da vida a partir da acumulação de capital. Para isso, é necessário compreender o fenômeno que limita esses trabalhadores ao acesso à escola, analisando as relações capitalistas de produção de redes de dormir em Jaguaruana-Ceará dentro do processo de expansão do capital, a exploração do trabalho e os limites da jornada de trabalho.

A presente investigação busca revisitar teóricos que realizaram um estudo histórico-econômico-sociológico sobre a categoria trabalho domiciliar, jornada de trabalho e formação escolar. Desta feita, nos fundamentamos em autores que realizam a crítica à sociedade do capital a partir de uma leitura marxiana. Assim sendo, além das contribuições de Marx e Engels (2017), utilizamos os aportes de Freitag (1986), Freitas (2018), Alves e Tavares (2006). Neste caminho, somente a noção de totalidade, ancorada no materialismo histórico, possibilita ao pesquisador observar para além do visível imediato (MARX e ENGELS, 2007). Nesse sentido, consideramos o referencial teórico onto-marxiano capaz de apreender a problemática da realidade empírica estudada, possibilitando a abstração do real pensado a fim de conceituá-lo. Para tanto, a investigação em foco tem a natureza bibliográfica e documental, em que buscaremos rastrear conceitos, diretrizes que legitimam a concepção de trabalho domiciliar, bem como também, conforme, o caminho perseguido pelo trabalho, faremos o uso de entrevistas semiestruturadas direcionadas as trabalhadoras domiciliares de redes de dormir, na busca de compreendermos que lugar o conhecimento escolar ocupa na vida dessas trabalhadoras e no processo de trabalho.

Os limites da jornada de trabalho no interior da indústria têxtil como condição à negação da escolaridade

Em determinadas relações de trabalho a forma de pagamento prevalece pelo salário por tempo, já quando o salário do trabalhador é pago por peça “[...] o preço do tempo de trabalho é medido por determinada quantidade de produtos” (Marx, 2017, p. 625), que são confeccionadas diariamente, semanalmente ou mensalmente. Esta forma de salário por peça constitui a forma de pagamento realizado pela indústria têxtil de Jaguaruana à

A exploração das trabalhadoras domiciliares da indústria têxtil de redes de dormir em Jaguaruana - Ceará: a educação escolar negada

categoria das trabalhadoras domiciliares, e como os pagamentos pelos seus trabalhos são baixíssimos, o trabalhador prolonga sua jornada de trabalho com a intenção de aumentar seu salário diário, semanal ou mensal.

Nesses termos, o salário por peça é uma forma modificada do salário por tempo, de tal forma, “[...] como o salário por tempo é a forma modificada do valor ou preço da força de trabalho” (MARX, 2017, p. 621). Se a trabalhadora produzir uma peça acima do tempo socialmente necessário, isso não implica que ele ganhará um salário maior do que já é calculado pelos capitalistas, pois o preço de seu trabalho é determinado da mesma forma do salário por tempo, pelo valor da força de trabalho/pelo limite físico e mental de sua jornada de trabalho/com sua capacidade de produção dos produtos.

Agora, para sermos mais exatos sobre os baixíssimos pagamentos realizados pela indústria têxtil de redes de dormir em Jaguaruana, nas fábricas onde predomina o salário por peça, o trabalhador domiciliar ganha pelo custo de sua produção mensal cerca de R\$ 120,00 em determinadas atividades, e R\$ 0,70 por peça, numa jornada de trabalho de 10 horas diárias. Nesta forma, o pagamento do trabalhador é medido pela quantidade de produtos que confecciona em um determinado tempo, o que vai explicar as extensivas jornadas de trabalho que detalharemos mais adiante.

Mas, para compreendermos melhor a questão da exploração do trabalho praticado pela indústria têxtil aos trabalhadores domiciliares e para entendermos suas enormes margens de lucro, tomamos novamente como exemplo a Fábrica Sola Nascente Têxtilⁱⁱ. A fábrica possui 65 trabalhadores fabris e cerca de 400 trabalhadores domiciliares que, em média, ganham, aproximadamente, R\$ 70,00 mensais, sendo que a soma do pagamento mensal de todos os trabalhadores domiciliares da fábrica é cerca de R\$ 28.000,00, enquanto a arrecadação mensal chega a, aproximadamente, R\$ 500.000,00 e a empresa gasta, mensalmente R\$ 300.000,00 com capital constante e com capital variável e lucra cerca de R\$ 200.000,00 líquidos. Logo, sua enorme margem de lucro provém, em grande parte, da exploração do trabalho domiciliar.

Agora fazemos aqui um simples cálculo para percebermos a extração do mais-valor expropriado do trabalhador sobre o preço de uma única peça (rede de dormir). Primeiro, se somarmos o preço de todas as variações de redes que a fábrica produz em média, uma rede finalizada custará R\$ 45,00. No entanto, o valor médio gasto com o capital variável é de,

aproximadamente, R\$ 5,00. Para sermos mais exatos, equiparamos o valor do custo de uma única rede para sabermos a quantidade de mais-valor extraído do trabalhador domiciliar e do fabril. Como dito, em média uma rede finalizada custa R\$ 45,00, sendo que o valor investido no capital constante que é constituído pelos meios de produção e pelos meios de trabalho para realização do produto final tem como custo de aproximadamente R\$ 22,00. Se igualarmos à zero o valor gasto com o capital constante, sabendo que o capital constante não gera um novo valor, mas transfere uma porção de seu valor para o produto de sua feitura, com os gastos do capital variável, temos a seguinte equação: R\$ 45,00 do valor do produto, que é eliminado pela soma de R\$ 22,00 de capital constante, mais R\$ 5,00 de capital variável, assim, temos um mais-valor de R\$ 18,00. Em termos de proporção, a soma de R\$ 18,00 do mais-valor/R\$ 5,00 de capital variável é igual a 360% de mais-valor extraído do trabalhador de um único produto.

Outra prática dos donos das fábricas em Jaguaruana é o acerto entre eles dos valores pagos por peça aos trabalhadores, pois o que uma fábrica paga pelas atividades de confecção nas redes geralmente é o mesmo valor da outra. Tomamos como exemplo o custo do gradeamentoⁱⁱⁱ de somente uma rede de dormir, das grandes empresas do município, quais sejam, nas empresas pagam ao trabalhador domiciliar R\$1,90 em média pelo gradeamento, que acaba obrigando aos trabalhadores a terem que se submeter ao barateamento do custo da confecção dos panos de redes, uma vez que não têm nem como escolher por quem será explorado, pois todos pagam o mesmo preço. O que na maioria das vezes acontece, é que os trabalhadores optam por aquela empresa que paga regularmente, já que muitas delas ainda atrasam os pagamentos. De acordo com o censo demográfico do IPECE de 2010, 18,90% da população do município vive em extrema pobreza. As necessidades de subsistência e de empregos levam aos trabalhadores a se submeterem a extensivas jornadas de trabalho e a baixos salários pagos pelas atividades realizadas para o principal setor econômico do município, o da indústria das redes de dormir.

É típico da indústria capitalista, utilizar-se da exploração do trabalho de lugares marcados por bolsões de pobreza. Em pequenas cidades como Jaguaruana, a industrial têxtil tem explorado o mais-valor absoluto para manter suas produções economicamente ativas sem precisar investir com capital constante. Como vivemos na sociedade do desemprego, aqueles que têm a chance de ser explorados pelo capitalismo acabam

A exploração das trabalhadoras domiciliares da indústria têxtil de redes de dormir em Jaguaruana - Ceará: a educação escolar negada

aceitando todo tipo de trabalho para manterem-se vivos, pois o desemprego estrutural é imposto pelos limites próprios da lógica capitalista (ALVES; TAVARES, 2006). Desta forma, a indústria têxtil de Jaguaruana vem se tornando referência na vida dos trabalhadores, já que não existem muitas alternativas de trabalho na sociabilidade capitalista.

O trabalho domiciliar das redes de dormir é praticamente controlado pelo produto, que é necessário possuir uma qualidade expressiva para que o trabalhador receba seu salário. Os capitalistas determinam a intensidade do tempo de trabalho e qualidade do produto, fixando uma quantidade de mercadoria previamente pela necessidade de remuneração maior do trabalhador, o que leva tal classe a cometer pequenas falhas, como erros nos acabamentos e não conseguindo terminar seus trabalhos a tempo, propiciando aos capitalistas fraudes e descontos nos salários do trabalhador. Logo, é preciso ter uma capacidade média de rendimento, e quando não conseguir, o trabalhador é dispensado.

Nesta mesma relação de trabalho, a exploração do trabalhador ocorre pelas suas atividades no sistema de produção e pela sua prolongada jornada de trabalho, como dito. O primeiro tipo, trata-se dos trabalhos que são realizados de forma repetitiva, exigindo destreza, força, resistência, energia das trabalhadoras domiciliares, por exemplo, conforme distintos níveis de trabalho, como o puxamento de cordas, em que o trabalhador domiciliar individual realiza a mesma atividade inúmeras vezes, passando as cordas entre as tranças que ficam nas extremidades da rede de dormir, depois passando as mesmas cordas entre o puxador de corda até formar os punhos, trabalho que é praticado exclusivamente de forma sistemática pelos braços do trabalhador em um movimento repetitivo e cansativo.

Desta forma, até a rede ficar pronta, ela passa por um processo de divisão social do trabalho entre as trabalhadoras domiciliares. A trabalhadora recebe em sua residência o pano da rede de dormir que depois será feito os acabamentos nas extremidades das mesmas. Geralmente, as pessoas adultas são responsáveis pelos serviços mais cansativos como o empunhamento, trançamento, gradeamento, puxamento de cordas, por confeccionar as varadas, torcem as redes, confeccionar as bainhas e cabeças; já as crianças têm ocupações mais simples no processo de produção da rede, como enchimento de espulas, perfilhamento da rede e os cortes de cadies^{iv}.

Quanto ao segundo mecanismo de exploração, partimos do pressuposto de que a força de trabalho domiciliar prolonga sua jornada de trabalho devido aos seus baixos

salários e devido à ganância capitalista pelo lucro. Para Marx (2017), o capitalista tem sua própria concepção sobre o limite da jornada de trabalho, pois,

[...] Como capitalista, ele é apenas capital personificado. Sua alma é a do capital. Mas o capital tem um único impulso vital, o impulso de se autovalorizar, de criar mais-valor, de absorver, com sua parte constante, que são os meios de produção, a maior quantidade possível de mais-trabalho. O capital é trabalho morto, que, como um vampiro, vive apenas da sucção de trabalho vivo, e vive tanto mais quanto mais trabalho vivo ele suga. O tempo durante o qual o trabalhador trabalha é o tempo durante o qual o capitalista consome a força de trabalho que comprou do trabalhador [...] (MARX, 2017, p. 307).

O capitalista, portanto, compra a força de trabalho domiciliar buscando extrair o proveito do seu mais-trabalho^v, prologando no máximo possível sua jornada de trabalho. Nessa atmosfera, as relações de produção da indústria têxtil de Jaguaruana, impulsiona o prolongamento da jornada de trabalho da categoria das trabalhadoras domiciliares, devido à avidez por mais-trabalho ser marca da sociedade burguesa.

Lancemos, agora, um olhar detalhando sobre a exploração do trabalho domiciliar a partir dos limites da jornada de trabalho. As trabalhadoras domiciliares de redes de dormir de Jaguaruana começam a trabalhar antes do amanhecer, dividindo afazeres domésticos com o trabalho domiciliar nas redes. Por exemplo, muitas empunhadeiras, geralmente iniciam a confecção dos panos de redes às 4 horas da manhã; depois, antes das 7 horas, param e começam a preparar o café da manhã e a preparar o almoço, em seguida voltam para o trabalho nos panos das redes que também é dividido pelo seu olhar no preparo do almoço; meio-dia param e vão fazer suas refeições, e logo, retornam para o trabalho que muitas vezes encerra 3 horas da tarde, pois eles têm que caminhar de suas casas até a fábrica têxtil para entregar os panos confeccionados e regressar com mais panos de redes para no dia seguinte trabalhar novamente. Ao chegarem a suas residências, outra vez tem os afazeres de casa, como lavar louça, varrer casa, preparar a janta etc. Nessas mais de 10 horas de trabalho, o trabalhador domiciliar tem no máximo empunhado 12 panos de redes, que são pagos numa média de R\$ 1,80; no fim do dia o trabalhador tem ganhado R\$ 21,60.

Mas, se a trabalhadora precisar no outro dia ir ao médico? Como trabalham na informalidade sem qualquer direito social e trabalhista e ganham pela sua produção por peça, o valor diário de sua força de trabalho assim é reduzido. Às vezes, acontece que, para recuperar esse tempo perdido devido às suas condições de saúde que em determinadas

A exploração das trabalhadoras domiciliares da indústria têxtil de redes de dormir em Jaguaruana - Ceará: a educação escolar negada

circunstâncias precisar de atendimento médico, a trabalhadora vai tentar compensar aumentando sua jornada de trabalho nos dias que está trabalhando na confecção dos panos de redes, começando mais cedo, terminando mais tarde ou trabalhando, também, à noite.

As crianças entram no processo de produção na realização de atividades mais simples. Toda confecção nos panos de redes requer uma atividade anterior para que depois seja feita a atividade de acabamento. No empunhamento, exemplo que estamos utilizando, as crianças enchem as espulas e cortam os cadies dos panos de rede, que depois será empunhado pelo trabalhador. As crianças que, deste os 8 anos já estão inseridos no processo de produção, à medida que vão tornando-se jovens começam a realizar as atividades que requerem maior força física, destreza e habilidade. Desta forma, as atividades vão passando de geração a geração.

A duração quase que ininterrupta na produção domiciliar exemplificada em nosso trabalho ultrapassa os limites da jornada regular de trabalho. Se somarmos o tempo de trabalho destinado à confecção dos panos de redes de dormir, com seus afazeres domésticos, sua jornada de trabalho se estenderá para 16 horas de trabalho diário. Como ir à escola depois de passar 16 horas trabalhando? Nenhuma mente humana suporta uma quantidade extensiva de trabalho, um trabalho cansativo e repetitivo, que tanto exige força física humana, como a mental. Mesmo trabalhando na informalidade, de certa forma, podendo regular seu tempo, como o tempo de ir à escola, a prioridade do trabalhador domiciliar é de suprir seus meios de subsistência. Consequentemente, à escola sempre será uma realidade distante.

Em uma sociedade marcada pela crise estrutural do capital, o desemprego e a precarização do trabalho é uma realidade vivenciada por muitos trabalhadores. Este eixo do capital constitui como elemento capaz de capturar além da objetividade do trabalhador, a sua subjetividade.

Nos últimos anos, o Brasil foi marcado por perdas nas conquistas sociais, como diminuição do poder de compra, baixa nos salários, precarização na educação, perda de diversos direitos trabalhistas e previdenciários. Sob a relação de precarização do capital para o trabalho vivo, isso implica na necessidade do trabalhador em submeter-se a empregos precários e a salários baixíssimos. No entanto, na maioria das vezes, a trabalhadora agradece tanto pelo emprego como pelo salário que ganha (o que significa a captura da

subjetividade do trabalhador), como podemos observar na fala de uma trabalhadora domiciliar das redes de dormir de Jaguaruana, “[...] Eu agradeço pelas redes, se não eu tava passando fome, [...] é o que eu sei fazer e o que tem, não sei fazer outra coisa a não ser a rede... Sempre fiz rede,... Não mim vejo outra coisa se não for fazendo as redes” (Márcia Brito, entrevista em 03/09/2019)^{vi}.

O trabalhador domiciliar de Jaguaruana pela sua necessidade histórica de manter-se vivo, quando consegue os panos de redes para confeccioná-los, acabam agradecendo pela oportunidade do trabalho. Em um município de 33.967 habitantes, aproximadamente 10.000 mil pessoas trabalham no setor têxtil. Nos fins de tarde, as fábricas têxteis se abarrotam de pessoas em enormes filas à espera para receber seus panos de redes para confeccioná-los, atividade que no dia seguinte novamente se repetirá. Nas filas encontramos pessoas de todas as idades: crianças, jovens, adultos e idosos, buscando sua chance de serem exploradas; chance, pois às vezes os panos de redes não dão para todos, então alguns voltam para casa sem trabalho.

Outro aspecto do sistema de produção têxtil do município é a divisão social do trabalho que se encontra articulada às etapas da fabricação da rede de dormir, como no fordismo, quando o trabalho era organizado em uma esteira de produção, na qual um único trabalhador é responsável somente por uma atividade. Neste caso, a produção de redes de dormir de Jaguaruana, em certo grau, assemelha-se ao trabalho fordista, uma vez que, as primeiras etapas da fabricação da rede de dormir são realizadas dentro das indústrias no ambiente fabril: os fios de rede passam pelo urdimento, pela tecelagem para depois chegarem ao trabalho domiciliar. Nesse cenário, o trabalho ainda é realizado por etapas, pois, o primeiro trabalho efetuado na rede de dormir é a confecção das tranças dos cadies pela traneira, depois ela passa para outra trabalhadora domiciliar, a empunhadeira, para ser empunhada, para no fim receber as cordas da puxadeira de cordas, tornando-se assim uma mercadoria pronta^{vii}.

Sobre esse sistema de produção e organização do trabalho, acentua-se o abuso de uma extensiva jornada de trabalho. Um sobretrabalho que acaba fazendo o trabalhador se distanciar da escola. E não estar dentro da escola é não ter a mínima oportunidade de alfabetização, além de que a baixa escolarização faz com que esses trabalhadores não reconheçam a exploração do trabalho, conforme observou Marx (2017, p. 332) sobre o grau

A exploração das trabalhadoras domiciliares da indústria têxtil de redes de dormir em Jaguaruana - Ceará: a educação escolar negada

de instrução e alienação da força de trabalho explorada por extensivas jornadas de trabalho a partir dos diálogos dos comissários de inquérito:

[...] Jeremiah Haynes, de 12 anos de idade: “[...] quatro vezes quatro são oito, quatro quartos (4 fours) são 16 [...]. Um rei é aquele que tem todo o dinheiro e ouro (“A king is him that has all the money and gold”). “Temos um rei, dizem que ele é uma rainha, chamam-na princesa Alexandra. Dizem que ela se casou com o filho da rainha. Uma princesa é um homem”. William Turner, 12 anos: “Não moro na Inglaterra. Acho que é um país, mas não sabia disso”. John Morris, 14 anos: “Ouvi dizer que Deus fez o mundo e que todo mundo se afogou, menos um; ouvi dizer que foi um passarinho”. William Smith, 15 anos: “Deus fez o homem; o homem fez a mulher”. Edward Taylor, 15 anos: “Não sei nada de Londres”. Henry Marhewman, 17 anos: “Às vezes vou à igreja [...]. Um nome que eles falam no sermão é um tal de Jesus Cristo, mas não sei dizer nenhum outro nome e também não sei dizer alguma coisa sobre ele. Ele não foi morto, mas morreu como as outras pessoas. Ele não era como as outras pessoas, de certo modo, porque ele era religioso de certo modo, e outros não são” (“He was not the same as other people in some ways, because he was religious in some ways, and others isn’s”), *ibidem*, 74, p. XV. “O diabo é uma boa pessoa. Não sei onde ele vive. Cristo foi um mau sujeito” [...].

Observamos que o nível de exploração e alienação do trabalho compromete a instrução de tais sujeitos, não conseguindo associar e compreender determinados assuntos. São pessoas que suas Jornadas de trabalho são prolongadas para além das 12 e, até, 18 horas por dia, e na maioria dos casos, são pessoas que nunca tiveram acesso à escola. É evidente, portanto, que seu tempo de trabalho é destinado exclusivamente para valorização do capital, tempo para formação humana e intelectual é uma realidade inexistente.

Mesmo que o exemplo de Marx (2017) esteja situado no século XIX, o trabalho domiciliar da indústria têxtil de redes de dormir de Jaguaruana do século XXI não se encontra distante desta realidade estudada pelo autor. Tais características estão alicerçadas na exploração da força de trabalho e no prolongamento da jornada de trabalho como exemplificamos. As relações capitalistas de produção e seus usurpadores rouparam o tempo do trabalhador, tempo que poderia ser destinado à sua formação humana e intelectual, para poder ir à escola, para relações sociais, como fazer atividades físicas, passeios com suas famílias, tempo livre para repor suas forças vitais físicas e intelectuais.

Porém, como bem nos lembrar Marx (2017, p. 338), “O que determina os limites da jornada de trabalho não é a manutenção normal da força de trabalho, mas, ao contrário, o maior dispêndio diário possível de força de trabalho [...]”. Assim, não importa para o capital, o tempo de vida e o grau de instrução da força de trabalho, o que lhe interessa é o quanto

de força de trabalho ele possa explorar numa jornada de trabalho. A produção capitalista prolonga a jornada de trabalho pensando exclusivamente na produção de mais-valor.

O prolongamento da jornada de trabalho que limita a trabalhadora domiciliar de ter acesso ao sistema regular de ensino pode ser compreendido a partir da realidade empírica. Por isso, mostraremos adiante as experiências reais das mulheres que, devido à exploração do trabalho, tiveram seus estudos escolares interrompidos, possibilitando, portanto, o pesquisador aproximar-se com a realidade estudada a partir do real observável.

O processo de negação a escolarização dos trabalhadores domiciliares

Antes de tudo, devemos ter em mente que a escola, mesmo que precária, e que defenda os interesses do capital, nunca deve ser negada, pois não ter condição ao acesso à escola regular de ensino público e gratuito, é carregar o prisma da não alfabetização, de não ter acesso a uma refeição, de não ter direito à leitura e de não apreender os conteúdos sistematizados pela humanidade. Não queremos dizer que a escola pública esteja bem, mas que possamos construir alternativas para melhorá-la que não seja na lógica capitalista. Sem dúvidas, a escola carrega, para muitos, o significado da esperança de uma vida melhor.

Marx e Engels (2007, p. 47), dizem que, “As ideias dominantes são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força *material* dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força *espiritual* dominante [...]” (itálico do original). Nessa perspectiva, a burguesia dominante tem declarado, constantemente, que a escola pública e gratuita é um problema econômico e que deve deixar de existir. Então, não podemos tomar as ideias dominantes como nossas ideias e criticar a escola, ao contrário, devemos lutar pela manutenção da escola pública gratuita e de qualidade, para que possamos lutar pelo acesso da classe trabalhadora a ela.

Diante disso, o histórico das análises que envolvem o papel dos aparelhos oficiais de ensino no Brasil como a escola, compreende a educação pública sobre a seguinte ótica: de um lado observa-se o lugar social ocupado pela educação na sociedade capitalista; por outro, evidencia-se o lugar assumido pelo Brasil na divisão internacional do trabalho. Assim, o modelo de educação implantado no Brasil está relacionado tanto com o projeto dominante de sociedade quanto com a posição periférica imposta ao Brasil dentro da economia global.

A exploração das trabalhadoras domiciliares da indústria têxtil de redes de dormir em Jaguaruana - Ceará: a educação escolar negada

Em “Escola, Estado e Sociedade” a autora Freitag (1986) ao analisar a criação de um aparato institucional de educação no Brasil, o Estado aparece na história das transformações da educação brasileira como expressão política e executiva de uma classe, a burguesia. Deste modo, devemos compreender que o Estado e a escola buscam atender às necessidades do capital, e mesmo que a classe trabalhadora tenha acesso à educação escolar, os trabalhadores não estarão separados dos interesses das classes dominantes, pois há muito tempo a escola vem cumprindo a função de formar mão de obra trabalhadora para o mercado de trabalho. Acontece que, em determinadas relações de trabalho, a classe trabalhadora não consegue ter acesso nem a escola que defende os interesses do capital, como perceberemos adiante, em nossas análises a partir dos relatos das trabalhadoras domiciliares da indústria têxtil de Jaguaruana-Ceará.

A cidade de Jaguaruana possui 28 escolas funcionando segundo a Secretária de Educação Municipal de Jaguaruana (SEMEJ), sendo que deste total, 16 escolas são de ensino fundamental pública, 2 da rede privada que atendem desde a educação infantil até o ensino médio, 7 creches, 3 escolas estaduais públicas de ensino médio. Destas 28 escolas, 19 estão localizadas na área urbana do município e 9 na zona rural. Sendo que somente uma escola municipal e uma estadual oferecem a modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA) a qual funciona no turno da noite, na área urbana da cidade.

Das 3 escolas estaduais de ensino médio, uma delas, a Escola Estadual de Ensino Profissional Francisca Rocha Silva possui um curso técnico de têxtil, contudo, mesmo na escola havendo o curso, toda grande curricular e formação têxtil técnico está voltada para o empreendedorismo sob a tônica capitalista. Logo, não existe qualquer tipo de formação nas escolas de Jaguaruana ligado ao ensino teórico ou prático das habilidades da confecção dos panos de redes de dormir que a trabalhadora domiciliar possui. Pois, tudo que ele aprende é pela formação espontânea, que vai sendo passada de geração a geração, como podemos perceber na fala de uma das tantas trabalhadoras domiciliares:

[...] Quando em comecei a trabalhar, eu acho que tinha 7 anos, comecei a trabalhar vendo minha mãe empunhando as redes, aí quando ela saía eu pegava os liços e empunhava, [...], na escola? Não menino, eu aprendi com minha mãe, não te disse! Eu só estudei até a 3ª série, depois parei, [...], os meninos sempre mim ajudam, o Tiago, a Marina, o Henrique, pela manhã [...], eu mal trabalho agora, sinto muita dor, estou muito doente, mim prejudiquei muito, vários anos de profissão e nunca recebi férias, décimo e nada [...] (Claudiana Carlos, entrevista em 02/09/2019)^{viii}.

Observamos que a trabalhadora domiciliar aprendeu confeccionar as redes de dormir através dos ensinamentos de sua mãe e que seus filhos também já participam da confecção mesmo que somente no turno da manhã. Percebemos, portanto, que além deles aprenderem a confeccionar a rede de dormir de forma espontânea, naturalmente vão ensinando aos filhos seus trabalhos nas redes. Outro elemento da fala da trabalhadora que merece destaque é a questão da sua saúde, que pelos anos dedicados ao trabalho domiciliar se encontra comprometida, sem falar que a mesma nunca recebeu qualquer tipo de benefício social ou trabalhista por suas atividades e sem dúvida a fábrica para qual trabalha não lhe dará nenhuma assistência diante de seu estado de saúde.

Para compreendermos melhor tal quadro de precarização do trabalho e os motivos de grande parte dos trabalhadores nunca terem estudado ou terem abandonado a escola, trazemos um relato de outra trabalhadora domiciliar da indústria têxtil do município, que nos salienta:

[...] Olha seu moço! Eu, minha mãe, minha avó, sempre trabalhamos nas redes aqui em casa, e agora meu fio e minhas duas filhas [...] fazem um serviço não muito grande, pois a tarde eles tem que tá na escola. Eu, minha mãe e minha vó, vixi nunca estudamo, pois ou trabaia ou estuda, e se não trabalha passa fome, então como é que estuda? [...] O patrão paga uma mixaria, mal dá pra sobreviver, por isso todo mundo tem que ajudar, até as meninas, elas reclamam por que chega ao colégio cansado, tão com nota baixa, até a professora veio reclamar comigo, mas fazer o quê tem que trabaia ou passa fome. [...], o marido tá na roça, mas quando passa as chuvas até o homem ajuda, pois não tem outra coisa pra trabalha se não for nas redes (Zildene Celedônio, entrevista em 05/01/ 2019)^{ix}.

É notório, no relato da trabalhadora, que o seu distanciamento do acesso à escola é ocasionado devido ao tempo que é oferecido à indústria têxtil para a produção de redes de dormir, condicionando-lhe a não escolarização e o não acesso ao conhecimento escolar dos mesmos, e ainda como os trabalhadores e trabalhadoras são submetidos a pagamentos baixíssimos por seus trabalhos realizados na indústria, toda família acaba tendo que ajudar.

Assim, os membros da família geralmente atuam como força de trabalho eventual, auxiliando na confecção dos produtos. Essa força de trabalho familiar não é contabilizada pela trabalhadora domiciliar devido a ela acreditar que é somente um trabalho de ajuda, sem renumeração. Mas na verdade, a trabalhadora domiciliar só consegue sobreviver porque

A exploração das trabalhadoras domiciliares da indústria têxtil de redes de dormir em Jaguaruana - Ceará: a educação escolar negada

tem auxílios de membros da família, podendo ajudar na produção, seja nas atividades mais simples ou que exige maior habilidade.

Percebe-se também, que a produção de redes de dormir é um trabalho realizado de forma familiar e que é passado de geração a geração, entre pai, mãe e filhos, e que o rendimento dos filhos na escola é prejudicado devido ao tempo que os mesmos destinam às atividades nas redes. Assim, possivelmente crianças e jovens acabam tendo que romper seus estudos para trabalhar, ou os que têm a possibilidade de estudar acabam tendo dificuldades pelo fato de o trabalho ser prioridade.

É dentro desta relação de trabalho nas indústrias têxteis em Jaguaruana, que grande parte dos trabalhadores não são escolarizados ou tiveram que interromper os estudos devido à sua dupla jornada de trabalho, que se divide entre o tempo de trabalho que exige a produção de redes de dormir e seus afazeres domésticos, como nos relata outra trabalhadora:

[...] Eu parei de estudar no 2º ano do ensino médio [...] Comecei a trabalhar com 12 anos, [...], já trabalhei nas tranças, nas grandes, hoje eu empunho [...], assim, é muito cansativo, tenho dor nas costas, aí, também tem as coisas da casa, tenho que colocar no fogo, arrumar a casa, [...] queria sair dessa vida, quero estudar para um concurso (Lívia Costa, entrevista em 02/09/2019)^x.

É por essa fala da trabalhadora, a qual nos relata todo seu desejo de estudar, que nunca devemos querer o fim da escola pública, como relatamos inicialmente, pois, na prática esse projeto de desmonte da escola é de interesse da sociedade burguesa. Devemos pensar numa outra concepção de escola, uma que promova de forma horizontal, participativa e democrática o acesso de todos (FREITAS, 2018).

Entretanto, a dupla jornada de trabalho é a realidade de muitas das mulheres que estão na categoria do trabalho domiciliar, as quais dividem os afazeres domésticos com os trabalhos nas redes de dormir, o que limita mais ainda o acesso à escola, sem falar que suas jornadas de trabalho muitas vezes iniciam-se antes do dia amanhecer.

Nesse contexto, as entrevistas ressaltam sobre as extensivas jornadas de trabalho:

[...] Já começo pegar nas redes 4 horas da manhã, não posso perde tempo, a pessoa que trabalha por produção é assim... Tem que pegar sedo, si ainda tem as coisa de casa, é uma luta grande (Claudiana Carlos, entrevista em 02/09/2019).
[...] Para ganhar alguma coisa, tem que pegar bem cedinho, tipo antes das 5 horas, o dinheiro é pouco... Então... Para fazer uma produção boa, o negócio é começa

cedo, para quando for umas 2 horas da tarde já ter feito a produção (Lívia Costa, entrevista em 02/09/2019).

[...] Às vezes em pego de 5 horas, mas geralmente... Eu começo 8:30 às 9 da manhã e vou até 10 horas da noite, [...] jamais ganhamos um salário no mês, logo o ganho é pouco e nós ganha pela rede que faz (Camila Soares, entrevista em 03/09/2019)^{xi}.

[...] Eu ganho R\$200 no mês... A hora trabalhada que eu passo, é o dia todinho... De manhã até 10 horas da noite, paro pra dormir meio-dia e pego de tarde, eu vou pegar e deixar as redes [...] (Manuela Gurgel, entrevista em 03/09/2019)^{xii}.

O trabalho domiciliar da indústria têxtil das redes de dormir vem utilizando a exploração do mais-valor absoluto para manter-se economicamente com enormes margens de lucro, isso se realiza devido aos baixos salários pagos por peça confeccionada as trabalhadoras domiciliares, o que eleva o nível de exploração de tal classe por meio de suas extensivas jornadas de trabalho como nos revela os depoimentos das trabalhadoras. São pessoas que chegam a passar 10 horas de seu dia destinado ao trabalho domiciliar na confecção dos panos de redes que, se somados aos seus afazeres domésticos, suas jornadas de trabalho chegam às 16 horas diárias.

A produção capitalista usurpa parte do dia da força de trabalho dentro de certos limites, já que durante um dia natural que corresponde a 24 horas, a pessoa precisará destinar parte do seu dia para descansar, comer, dormir, para repor seus limites físicos e mentais, uma vez, que é necessário satisfazer essas necessidades para que a força de trabalho não se esgote ao máximo e morra. Acontece que encontramos jornadas de trabalho de 8, 10, 12, 14 e 16 horas, como as das trabalhadoras domiciliares das indústrias têxteis de Jaguaruana, cuja extensão da exploração do trabalho praticado pelo setor, limita o trabalhador de ter acesso à educação escolar, pois com suas prolongadas jornadas de trabalho, acaba não sobrando tempo para a trabalhadora, a não ser o tempo de repor suas energias físicas.

Outro caso, é que a exploração do trabalho domiciliar torna-se uma relação lucrativa para os empresários do setor quando a questão é investir em capital constante, uma vez que é o próprio trabalhadora a responsável pelas instalações do seu espaço de trabalho, como relatam as trabalhadoras, “[...] Nós procuramos ajeitar um lugar para as redes ficar, aqui a casa é pequena... O pau de puxar-corda, o miador e as agulhas são minhas, eu mandei fazer e paguei [...]” (Cláudia Silveira, entrevista em 12/09/2019)^{xiii}.

As trabalhadoras domiciliares são exclusivamente responsáveis pelos seus meios de trabalho. Em algumas atividades é exigido ferramentas rústicas, já outras, a confecção dos

A exploração das trabalhadoras domiciliares da indústria têxtil de redes de dormir em Jaguaruana - Ceará: a educação escolar negada

panos de redes depende somente das mãos das trabalhadoras. Nesta perspectiva, são suas casas ou estabelecimentos de trabalho que vão se deteriorando pelo tempo, e sua energia gasta, sua água e seus meios de trabalho.

Na esfera do trabalho domiciliar, os capitalistas não gastam com prédios, máquinas, ferramentas, ele arrisca somente a pele do trabalhador (MARX, 2017), e por sua natureza de irregularidade, a trabalhadora domiciliar não é aparado por qualquer seguridade social, o que condiciona um maior nível de precarização do trabalho, como podemos observar no relato de diversas trabalhadoras:

[...] Eu já fazia rede quando morava no pacatanha, e nunca o patrão deu um agrado de fim de ano, [...], nada, nem décimo, nem férias, [...], assina carteira, nem, nunca (Iranilda Dantas, entrevista em 12/09/2019)^{xiv}.

[...] se eu adocece como te disse, como já tou doente, com várias dor nas costas, o patrão não dar um remédio, e como eu ganho pro produção é difícil, porque ninguém assina nossa carteira, ninguém tem um benefício, nunca vou mim aposentar trabalhando nas redes [...] (Claudiana Carlos, entrevista em 02/09/2019).

[...] nunca recebia benefício,... Tinha uma patroa que dava brinquedos no fim de ano para a Priscila, mas décimo e férias, nós não recebemos nunca, [...] quando fiquei grávida da Priscila, foi um sufoco, fiquei sem trabalhar um bom pedaço, o patrão nem para dar uma lata de leite [...] (Camila Soares, entrevista em 03/09/2019).

[...] não, nos recebe décimo e nem presente em fim de ano e muito menos nossa carteira é assinada, é só o que fazemos da rede e pronto (Manuela Gurgel, entrevista em 03/09/2019).

Conforme percebemos, o trabalho domiciliar por estar dentro da informalidade, além dos baixos níveis de remuneração da força de trabalho, acentuasse pelos mecanismos de negação dos direitos trabalhistas. Nota-se, portanto, que as indústrias têxteis de redes de dormir em Jaguaruana estrategicamente contratam a força de trabalho informal, para não cumprir com suas obrigações trabalhistas. As trabalhadoras por não serem registrados não têm direitos básicos como aposentadoria por tempo de serviço, licença maternidade, décimo terceiro salário, férias renumeradas, Fundo de Garantia do Tempo de Serviço e, se caso ficam doentes, impossibilitados de trabalhar, perdem sua fonte de renda.

Nessa circunstância de precarização da força de trabalho, a relação capital-trabalho resulta em prejuízos para a classe que é responsável pela composição do mais-valor. É nesse cenário que as trabalhadoras domiciliares são impossibilitadas de estudar ou que tiveram seus estudos interrompidos. Em todas as entrevistas as trabalhadoras descreveram suas escolaridades e, nenhuma delas, tinham conseguido concluir o ensino básico, muitos não passaram do ensino fundamental. Compreendemos assim, que a condição de não

escolarizados é mediado pelas relações capitalistas de produção, a quais originam todas as desigualdades da sociedade de classes.

Por meio de uma pesquisa qualitativa de campo realizada, chegamos a obter dados que nos permitiu uma amostra sobre a quantidade de trabalhadores e trabalhadoras, tanto domiciliares como fabris sem escolarização ou que tiveram os estudos interrompidos. Estima-se que 79% da classe trabalhadora da indústria têxtil da produção de redes de dormir em Jaguaruana estejam dentro desse quadro^{xv}. O que se demonstra neste percentual de trabalhadores e trabalhadoras sem escolarização é o nível de precarização e exploração da força de trabalho, devido às suas condições de trabalho. Nesse caso, mesmo a escola ficando próximo a suas casas, e eles podendo regular seu tempo, como o tempo de ir à escola, por estarem trabalhando na informalidade, seu tempo é destinado às relações capitalistas de produção, ou seja, a dependência econômica das trabalhadoras domiciliares resulta na sua condição histórica de não escolarizados.

Diante das evidências da precarização do trabalho, da exploração das trabalhadoras, por consequência de muitas não serem escolarizados e por uma dificuldade crescente de muitas permanecerem estudando, é que buscamos analisar a vida de tais sujeitos sociais. Compreender o lugar social das populações pauperizadas nas relações de produção capitalista é compreender as contradições da sociedade de classe e as medições que formam uma totalidade histórica, totalidade que permeia o objeto estudado.

Considerações finais

Na sociabilidade capitalista, o capital usurpa todos os limites possíveis da força de trabalho que são necessários para a ampliação de seu valor, pois o modo de produção capitalista tem procurado possibilidades para superar seus momentos marcados pela tendência da queda da taxa de lucro (crises), seja na maximização da produção ou pela exploração do mais-valor absoluto. Em sociedades marcadas pela exploração do trabalho, como a brasileira, baratear a força de trabalho tem sido uma das formas que capitalistas têm utilizado para conseguir a ampliação de suas riquezas e para a valorização de seu capital.

A industrial têxtil de redes de dormir de Jaguaruana tem se utilizado da exploração do trabalho domiciliar de mulheres para manter-se economicamente ativa e com enormes margens de lucros. Por sua vez, o trabalho domiciliar é caracterizado como trabalho informal, devido as trabalhadoras exercerem suas atividades em suas próprias casas e por

A exploração das trabalhadoras domiciliares da indústria têxtil de redes de dormir em Jaguaruana - Ceará: a educação escolar negada

essa categoria de trabalho não está situada dentro do ambiente fabril. Dentre as tendências dessa força de trabalho, acentuada no contexto da informalidade, encontramos duplas jornadas de trabalho – como as mulheres que vão trabalhar na confecção das redes de dormir em Jaguaruana, pois a maioria delas divide seus afazeres domésticos com seus trabalhos nas redes, e pelo motivo de seu trabalho ser acentuado na informalidade, os trabalhadores não recebem férias, FGTS, auxílio maternidade, saúde, entre outros direitos.

Como vimos, o trabalhador domiciliar além de ser explorado é obrigado colocar sua família na condição de explorada. Como o trabalho nas redes de dormir exige diversas atividades de confecção, isso leva vários membros das famílias a ajudarem no processo de produção da mercadoria. Geralmente, as crianças são responsáveis por atividades mais simples e os adultos pelas atividades mais complexas, de maior agilidade e mais cansativa, e por acreditarem que é somente uma ajuda, os trabalhadores domiciliares não compreendem que a força de trabalho dos membros de sua família também acaba sendo explorada pelo capital. Percebemos que a legislação da indústria têxtil ou qualquer sistema de lei trabalhista, tem como finalidade atender às necessidades do capital, tão longe querem perder seu direito de explorar a força de trabalho. E apesar da criação de leis trabalhistas, o trabalho domiciliar, categoria de estudo deste trabalho, não se encontra amparado por qualquer lei trabalhista, pelo fato de se encontrar dentro da informalidade.

No entanto, analisamos em nossa tese central que o município de Jaguaruana que tem como principal setor econômico a produção industrial têxtil de redes de dormir, explora e precariza o trabalho domiciliar através dos baixos salários, o que condiciona as extensas jornadas de trabalho, limitando desta forma o acesso à educação escolar dessa categoria de trabalhadores. Nesse caso, o trabalhador prolonga sua jornada de trabalho pensando exclusivamente na manutenção dos meios de sua subsistência, já os capitalistas pensam somente nos seus lucros.

Apontamos na pesquisa, que a trabalhadora domiciliar das redes de dormir de Jaguaruana chega a passar 16 horas diárias trabalhando tanto para produção têxtil como nos afazeres domésticos, um tempo de trabalho que muito exige da força física humana como a mental da trabalhadora. Outro fato analisado, é que todo conhecimento adquirido pelos trabalhadores domiciliares é de forma espontânea, passado de geração a geração e não por intermédio da escolar. Isso nos fez compreender o distanciamento dos trabalhadores em

relação à escola, pois eles não precisam estar na escola para aprenderem a trabalhar nas redes, uma vez que a escola não produz o conhecimento necessário para se trabalhar na confecção das redes de dormir.

Por fim, a manutenção da atividade econômica têxtil em Jaguaruana-Ceará constitui-se eminentemente através da exploração do trabalho domiciliar, de natureza precarizada, com extensivas jornadas de trabalho, baixos salários, o que impede e limita que os trabalhadores, principalmente os domiciliares tenham acesso à escola, e quando chegam a frequentar o sistema regular de ensino, têm que dividir seus afazeres de casa com os das redes de dormir e os da escola. Desta forma, por passar um dia todo de trabalho, acabam não tendo estímulo para estudar, o que resulta na baixa escolarização dos trabalhadores.

Referências

ALVES, Aparecida e TAVARES, Augusta Tavares. **A dupla face da informalidade do trabalho: "autonomia" ou precarização.** São Paulo: Boitempo, 2006.

ASSOCIAÇÃO DOS FABRICANTES DE REDES DE JAGUARUANA. **Documentação pertencente a ASFARJA, CNPJ, 05.875.576/0001-16.** Jaguaruana: SEBRAE, 2012.

DECCA, Edgar. **O nascimento das Fábricas.** São Paulo: Brasiliense, 1995.

FREITAG, Bárbara. **Escola, Estado e Sociedade.** São Paulo: Moraes, 1986.

FREITAS, Luiz Carlos de. **A reforma empresarial da educação: Nova direita, velhas ideias.** São Paulo: Expressão Popular, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA/IBGE. **Cidades.** Disponível em:<http://ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?lang=_ES&codmun=230700&search=ceara|jaguaruana|infograficos:-dados-gerais-do-municipio>. Acesso em: 10 abr. 2019.

MARX, Karl e ENGLES, Friedrich. **A ideologia Alemã.** São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital;** tradução Rubens Enderle. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

Notas

ⁱ Os dados aqui citados se encontram no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). IBGE, 2013. Disponível em: http://ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?lang=_ES&codmun=230700

A exploração das trabalhadoras domiciliares da indústria têxtil de redes de dormir em Jaguaruana - Ceará: a educação escolar negada

&search=ceara|jaguaruana|infograficos:-dados-gerais-do-municipio. Acesso em: 10 de fevereiro de 2019.

ⁱⁱ Nome fictício dado a fábrica têxtil analisada

ⁱⁱⁱ O gradeamento e um acabamento feito nas extremidades do pano de rede pelos trabalhadores domiciliares, que consiste em trançar os fios manualmente, dando formado de uma grande. Esse processo é o primeiro acabamento da rede.

^{iv} O enchimento das espulas é feito em pequenos pedaços de madeira arredondada, que depois é utilizado para o empunhamento, o perfilhamento consiste na costura das tranças das redes com uma agulha e linha para que a rede não solte seus fios e os cadies são pequenos fios que sobram depois do gradeamento, na qual são necessários seus cortes para que a rede tenha um acabamento mais aprimorado. Na indústria das redes de dormir existem três tipos de redes: A primeira rede a mais simples, são as redes de bainhas, que no seu processo de confecção recebe somente três tipos de acabamentos em suas extremidades: as bainhas, as cabeças e as cordas. A segunda rede recebe quatro acabamentos em suas extremidades: o trançamento, o perfilhamento, o empunhamento e o puxamento de cordas. (Às vezes, dependendo da empresa, a rede recebe varandas). A terceira e última rede recebe acabamentos melhores trabalhados: primeiro é torcido os cadies, depois essas redes são gradeadas, em seguida são empunhadas, depois são puxadas as cordas e, por fim, são colocadas as varandas.

^v O mais-trabalho, categoria estudada por Marx (2017), trata-se da exploração da maior quantidade de trabalho que os capitalistas buscam obter para recuperar os gastos de seu capital.

^{vi} Márcia Brito, torcedeira, 54 anos, ensino fundamental incompleto.

^{vii} Neste caso, realizamos um detalhamento da fabricação da rede de dormir mais simples, no entanto, existem diversos outros sujeitos que estão ligados diretamente no processo de produção têxtil, como os trabalhadores que plantam o algodão, os que trabalham na fiação, os que fazem as cordas, os que trabalham na tinturaria e secagem dos fios, os diaristas (organizadores da produção), os trabalhadores das lesonas (enchedores de espulas), entre outros.

^{viii} Utilizaremos um nome fictício para preservação da imagem de nossos entrevistados e todos eles são maiores de idade. Claudiana Carlos trabalha como empunhadeira, 40 anos, ensino fundamental incompleto.

^{ix} Zildene Celedônio trabalha como empunhadeira, 54 anos, ensino fundamental incompleto

^x Lívia Costa trabalha como empunhadeira, 25 anos, ensino médio incompleto.

^{xi} Camila Soares trabalha como torcedeira, 35 anos, ensino fundamental incompleto.

^{xii} Manuela Gurgel trabalha como torcedeira, 32 anos, ensino médio incompleto

^{xiii} Cláudia Silveira trabalha como puxadeira de cordas, 67 anos, ensino fundamental incompleto.

^{xiv} Iranilda Dantas trabalha como gradeadeira, 52 anos, ensino fundamental incompleto.

^{xv} Esses dados foram obtidos a partir de uma pesquisa de campo feita com os trabalhadores da fábrica Sol Nascente Têxtil.

Sobre os autores

Antônio Marcos Rocha de Carvalho

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará PPGE-UECE. Mestre em Educação e Ensino - MAIE pela Universidade Estadual do Ceará (2020). Possui graduação em História pela Universidade Estadual do Ceará (2017). E-mail: marcosrochahc182@gmail.com. OCIRD: <https://orcid.org/0000-0002-8558-373X>

Maria Das Dores Mendes Segundo

Pós-Doutora pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Doutora em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (2005); Mestre em Economia Rural pela Universidade Federal do Ceará (1998); Graduada em Economia pela UFC. Professora Associado da Universidade Estadual do Ceará (UECE), do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e do Mestrado Acadêmico Intercampi em Educação e Ensino (MAIE) da UECE; Professora Colaboradora do Programa de Pós Graduação de Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: mariadores.segundo@uece.br OCIRD: <http://orcid.org/0000-0003-2105-3761>

Recebido em: 06/07/2021

Aceito para publicação em: 04/08/2021